

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Affonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... \$3030 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... \$2000 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... \$15000 * Numero avulso... \$3040 *	N.º 25 Fevereiro de 1887	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, St. Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## QUESTÕES SOCIAES

### XI

Depois de Fichte, levado para as questões sociaes por suggestões philosophicas e tratando-as n'um ponto de vista abstracto e impessoal, apparece então um alfaiate, Weitling, que durante largo tempo espalha na Suissa e na Allemanha do sul as idéas de Fourier e de Cabet, e em 1841 publica em Vevey um jornal allemão, em que, agitando a questão politica, instiga os operarios a fundarem a republica democratica, e ainda n'um livro seu préga o communismo á maneira de Babeuf e de Rousseau.

Os escriptos de Weitling diz Laveleye que attrahiram pouco a attenção, mas concorreram talvez para espalhar na Allemanha o germen da insurreição de 1848, embora então não se constituísse ainda o que poderemos chamar um partido socialista germanico.

Depois a reacção que sobreveiu ao movimento revolucionario de 1848 imprimiu ao socialismo allemão um caracter scientifico, e o professor Winkelblech, sob o pseudonymo de Marlo, empreheudou a publicação por fasciculos de um obra importante: *Pesquisas sobre a organização do trabalho ou systema de economia politica universal*, que elle não pôde concluir por ter fallecido em 1859.

São commoventes as linhas em que este publicista nos declara os motivos que o levaram a occupar-se de questões sociaes.

Vistando o norte da Europa em 1843 para estudar os progressos da industria n'esses paizes, Winkelblech detem-se, no momento de partir, a contemplar uma ultima vez a encantadora paizagem que ia deixar. N'esse instante um operario allemão acerca-se d'elle, e pede-lhe que se encarregue de uma commissão para a sua terra natal. A conversação desenvolve-se; o operario conta a sua historia, mostrando a exiguidade do seu salario, e descrevendo as privações que se impõe para viver. As suas palavras fazem reflectir Marlo, que pergunta como é que uma tão formosa paizagem, que lembra um trecho do paraizo, occulta tanta miseria. O defeito estava no homem ou na natureza? E meio perplexo exclama: «Até aqui admirava eu o poder das machinas e as maravilhas da industria, sem averiguar da sorte dos que ella emprega; cal-

culava a quantidade dos productos, e não tratava de saber o numero dos que d'elles se viam privados».

N'essa occasião, porém, resolve aprofundar um tal problema, que já não o deixa tranquillo um momento.

E, diz Laveleye, estudando primeiro qual a condição das differentes classes nos paizes civilizados, elle encontra por toda a parte a miseria, a difficuldade da vida, a inquietação, o soffrimento tanto em patrões, como em operarios, nas grandes cidades e nas simples aldeias, nas campinas fertes da Belgica como nas regiões alpestres da Suecia ou da Bohemia. E depois, perquirindo as rasões d'esta situação afflictiva, julga descobri-las, não na natureza e nas suas leis necessarias e inevitaveis, mas nas instituições e nos codigos dos homens; concluindo d'ahi que o unico meio de remediar os males que torturam a sociedade é melhorar e reformar a sua organização.

Convencido pelas suas investigações especiaes que os aperfeiçoamentos da industria, por muito grandes que fossem, não podiam aspirar á maior generalisação do bem estar e da riqueza, Marlo entendia que os progressos ultteriores da civilisação dependiam, portanto, da economia politica, que elle considerava a mais importante de todas as sciencias do nosso tempo.

E acrescenta Laveleye com sobrada rasão que nada é mais verdadeiro, pois que a questão economica está no amago de todos os nossos debates.

«São as reivindicções das classes inferiores que assustam os conservadores e põem a liberdade em perigo. Platão dizia que em cada cidade havia duas nações inimigas em frente uma da outra, a dos ricos e a dos pobres, e nas democracias modernas vê-se identico phenomeno. Os revoltosos da communa detestavam mais fortemente «os versalhezes» que os prussianos, e em 1870 os socialistas allemães faziam votos pelas victorias da republica franceza e contra o seu paiz..

«Como se explica que nas nossas sociedades tão opulentas haja ainda tanta miseria? Como é que a Inglaterra, que produz tecidos bastantes para *vestir* toda a orbita do planeta, conta tantos necessitados meios nus? Domando a sciencia todas as resistencias da natureza e sendo illimitado o poder da mechanica, porque falta então o necessario a tantos milhares de familias? Será porque o trabalho não produz o sufficiente, ou porque são mal distribuidos os productos?



«Devemos procurar a causa d'isto nos vícios dos individuos ou nas imperfeições da ordem social?»

Esta passagem, que nós arrancámos á obra do distincto economista belga, synthetisa em poucas linhas uma das faces da questão que tantos espiritos tem seduzido, tantos trabalhos inspirado e á qual Marlo consagrou quinze annos de vida e os tres grossos volumes da sua obra interrompida pela morte.

Penetrada de um largo sopro religioso e humanitário, a concepção de Winkelblech ou Marlo, conforme lhe queiramos chamar, não resolveu certamente o problema, mas é por vezes notavel.

Marlo começa por comparar o principio pagão e o principio christão, attribuindo ao primeiro a exploração dos trabalhadores sob fórmias diversas, e fazendo depender do segundo o augmento das idéas de equidade e de justiça, á maneira que elle for penetrando nos costumes e nas leis.

Quanto á propriedade deve ella ser, segundo Marlo, estabelecida de fóрма que assegure a exploração mais proveitosa das forças naturaes, fazendo gosar os fructos do trabalho individual áquelle que os creou. A propriedade que se baseie na escravidão será, portanto, condemnavel, em primeiro lugar porque, furtando ao que trabalha o mobil do interesse pessoal, não o incita a tirar da natureza tudo o que ella pôde dar-lhe, e depois porque não assegura ao escravo a posse dos fructos do seu trabalho.

A propriedade societaria, tal como a vemos substituída na sociedade anonyma moderna, eis, pois, o typo preferivel de Marlo.

Como, porém, elle vê, como viram Stuart Mill, Malthus, Garnier e tantos outros, que quaesquer que sejam as reformas suggeridas e realisadas no sentido de augmentar a felicidade do maior numero, ellas nada conseguirão se ao mesmo tempo a população augmentar mais rapidamente que a produção das subsistencias, poisque o facto essencial é saber se em cada anno a agricultura obterá do solo bastantes generos alimenticios para que cada um tenha ao menos com que viver: Marlo propõe regulamentos preventivos, tendendo a obstar a proliferação da especie.

Laveleye aponta, comtudo, e com rasão, a inandade de taes medidas, que demais são uma causa de depravação social, e faz antes depender, e muito bem, do desenvolvimento das faculdades do espirito a diminuição dos nascimentos, poisque quanto mais um homem gosa intellectualmente menos predominantes são n'elle os impulsos animaes.

Isto mesmo escreve Spencer, e é realmente um facto provado que por via de regra onde a ignorancia anda de braço dado com a miseria é onde a população é mais densa.

Ao contrario, a maior parte dos grandes homens, por exemplo, quasi não deixam descendencia, o que inspira a Laveleye esta conclusão profundissima:

«O progresso das luzes e do bem estar é, pois, o melhor antidoto contra um grande crescimento de população, e por uma especie de harmonia social o augmento de civilisação faz desaparecer o principal perigo que a ameaça no futuro.»

E já agora no proximo artigo continuaremos descrevendo as theorias de mais alguns publicistas que, como Winkelblech, tentaram resolver o problema que hoje nos occupa.

AFONSO VARGAS.

## A CAIXA LOGO-TYPO

### INVENÇÃO DO TYPOGRAPHO LEOPOLDO WEISS

No jornal allemão *Buchdrucker-Zeitung*, orgão do club graphico de Vienna d'Austria, encontra-se a descripção da *Caixa logo-typo* com a respectiva gravura, que o seu inventor, sr. Weiss, apresentou n'aquelle club em 7 de junho de 1883. Já a 20 de maio do mesmo anno o sr. Weiss havia feito, na benemerita associação industrial da Austria, uma larga exposição sobre este novissimo invento. Consiste na composição por palavras ou syllabas, de maior uso, fundidas n'uma só peça.

O sr. Weiss, antes de tornar conhecida do publico a sua invenção, e no intuito de destruir praticamente as contrariedades, frequentes quando se trata de qualquer innovação, procedeu a diversos ensaios, a que foram presentes alguns dos seus collegas, emprezarios e directores de typographia, e um dos proprietarios da fundição Brendler & Marklowsky, que declarou mandára fazer, a expensas suas, as matrizes, os moldes e o que mais necessario fosse para a consecução d'este grande melhoramento na composição typographica.

Sem a minima pretensão sequer de dar como accetavel, ou mesmo exequível, este invento, pareceume, comtudo, que não haveria inconveniente em reproduzir-o n'este jornal, para os mais competentes na materia formarem o seu juizo. Lavrada a sentença de que é util, pertence ás typographias accetital-o e pôl-o em execução.

Seria um melhoramento de alta importancia para as obras que demandam celeridade, mórmente para as emprezas periodicas, alcançando a publicidade mais rapida e economica, no interesse, por consequente, do consumidor; e tambem para os typographos, tornando-lhes o trabalho menos fatigante, *sem quebra aliás da retribuição devida.*

Desconhecendo eu a lingua em que está descripta esta invenção, mas impellido pelo desejo de concorrer tambem para a propagação de mais um producto do saber humano, recorri a dois cavalheiros, que muí obsequiosamente se prestaram a traduzir os principaes artigos.

São os que se seguem, e em que alterei apenas diversos termos technicos, ainda, todavia, duvidosos alguns.

Se o sr. Weiss não lograr que a typographia em Portugal adopte a sua caixa, não me parece que se lhe neguem os louvores que merece pelo alevantado sentimento que o inspirou ao traçar a sua obra—diffundir e aperfeiçoar o progresso da arte typographica.

JOSÉ ANTONIO DIAS.



## I

O invento, que tenho hoje a honra de vos apresentar, facilita o trabalho typographico a ponto de que no espaço de dez horas pôde um compositor, bem exercitado, levantar 10:000 letras, o duplo das que a muito custo levanta pelo systema em vigor. O meu principal empenho é que, depois de passado aquelle tempo, esteja prompta para se imprimir logo nas primeiras tres ou quatro horas toda a composição feita.

Presentemente, no caso de urgencia do auctor, recorre-se a dois expedientes—esforço de trabalho, o que, na maioria dos casos, sobretudo nas pequenas typographias, é difficil realizar; ou, quando possível, o augmento do numero de horas marcadas para o serviço, o que alem de debilitar as forças dos artistas, e impedir-os, portanto, de serem mais activos nos dias que se vão seguindo, apesar da gratificação extraordinaria que lhes seja promettida, duplica seguramente a despeza do estabelecimento que toma conta de uma obra. N'isso é tambem prejudicado o seu proprietario.

Augmentando os trabalhos n'uma imprensa, entra-se assim no extremo cansaço, e na impossibilidade de satisfazer a obra no promettido praso. O modo até hoje usado não offerece, nos casos urgentes, nenhum expediente vantajoso. Um excessivo esforço conduz sem duvida ao cabo, mas isso mesmo tem excepções.

A composição está combinada por um regular trabalho de dia (tarefa) com maior esforço do corpo e espirito; e só ás pessoas, que não conhecem o movimento interno de uma typographia, e principalmente a fadiga que demanda o exercicio d'esta arte, poderá parecer extraordinario, o que succederá com o estabelecimento das phrases, em que um só compositor habil pôde juntar por hora 1:000 typos, incluindo a distribuição. Se tambem se não alcança senão insignificante superioridade de execução, o que depende ou da qualidade da composição de um jornal, por exemplo, onde a divisão das composições abertas é irregular, ou de maior porção de original, o compositor ganha, comtudo, mais tempo para a execução; principalmente na composição de jornaes, que dura muitas vezes de treze a quatorze horas.

Seja-me permitido ainda mostrar apenas as qualidades, que deve possuir um typographo, para apromptar 10:000 typos para impressão em dez horas.

1.<sup>a</sup> Uma pratica, minima, de quatro annos das actuaes caixas de composição.

2.<sup>a</sup> Competente exercicio em leitura de manuscrito.

3.<sup>a</sup> Levantar o typo com expedição e segurança.

4.<sup>a</sup> Haver poucas e facéis emendas de revisão.

As causas por que com todas estas qualidades do compositor, e com o maior esforço, não é possível conseguir mais, estão, segundo a minha opinião, nos actuaes recursos, cuja correcção eu procuro com esta descoberta.

Creio ter demonstrado sufficientemente que o processo actual não torna possível nenhum expediente vantajoso nos casos de pressa. As diligencias individuais, para crear a isto um remedio, encaham nas invenciveis difficuldades technicas. Pôde notar-se,

todavia, que as feitas em o nosso tempo, se bem que depois de decorrido um periodo de 400 annos em que houve insignificantes reformas no material typographico, têm concorrido essencialmente para se compor com maior rapidez. Mas, como fica dito, essas reformas datam do nosso tempo; porquanto, antes de haver prelos de ferro, uma forte crença dominava os typographos de que o nosso eminente mestre João Gutenberg havia realisado a sua invenção por fórma, que nenhuma alteração fosse imaginavel.

Sómente depois da descoberta do prelo mechanico por Frederico König, que a principio foi recebida com piedoso riso, e mais tarde se tornou amargamente odiada, se fez notar uma seria ambição, ou vontade, de encontrar meios para apressar tambem os processos da composição.

As tentativas feitas n'este sentido dividem-se em duas idéas, de que vou dar-vos, em poucas palavras, um ligeiro conhecimento.

A primeira idéa, tendo por alvo uma acceleração, insinua que palavras e syllabas, das que apparecem mais frequentemente fundidas juntamente, como typo, offereceriam vantagens, e n'este sentido se fizeram repetidas experiencias, depois da descoberta da galvanoplastica por Mauricio Kerman Jacob. Sómente se poz isto de parte quando se reconheceu que ás pequenas vantagens obtidas com esta mira se oppunham grandes inconvenientes, sendo dos principaes o alargamento da caixa de composição na sua actual fórma. As caixas tornaram-se tão volumosas e tão pouco manejaes que, em logar das esperadas vantagens, se obtinham graves prejuizos. Um erro maior consistia por outro lado na inversão e firmeza d'este typo, que só seria collocavel quando o compositor tivesse designado um typo especial para a formação do todo das outras palavras, e partes de palavra, e pela força ou poder do frequente uso. Depois de muitos e infructiferos ensaios chegou-se á inalvel convicção de que por este caminho se não alcançaria o desejado fim.

A segunda idéa procurou na construcção do machinismo apressado a sua salvação, e d'ahi nasceram os diferentes systemas das chamadas machinas de composição. De novo foi committido o erro de considerar o trabalho do compositor como de simples machina. Satisfizeram-se, para resolver o problema, com poder continuar sómente o typo com tanta rapidez como o compositor, e com isso julgaram ter alcançado o *desideratum*.

O compor não é simples trabalho mechanico.

Como consequência d'este errado modo de ver resultou dividir-se em tres processos o trabalho do typographo: a formação das palavras com a machina de compôr, por um compositor; separar a composição, por dois; e o distribuir, por outros dois.

Por isso o processo tornou-se mais custoso e demorado do que a composição manual, e o resultado da projectada rapidez perfectamente illusorio. Levouse aqui tão longe o querer deliberar sobre os grandes prejuizos da machina de composição para os impressores, que supponho se suspeitará que eu prefiro, á conta das machinas de composição, a minha descoberta. Eu digo mesmo que as admirei; principalmente a machina de composição, nos seus diferentes systemas, e no que diz respeito ao seu me-



chanismo em extremo engenhoso; porém o seu favorável julgamento deixei-o sempre aos mais eminentes da classe, que se não enganaram certamente n'este sentido. Mas a machina de composição, apesar da opinião favorável de uma parte, deixou de demonstrar a sua pratica applicação, por necessitar seguramente para tal preparação de mais algum tempo; assim quero eu aproveitar-me d'esta talvez pequena pausa, para vos fazer conhecer os detalhes da minha invenção, e recommendal-a ao vosso provado e estimado juizo.

(Continúa)

## AS DESCOBERTAS SCIENTIFICAS

### II

Que principio teve este globo que habitámos? Quem poderá prophetisar-lhe o seu fim, proximo ou remoto?

Não faltam hypotheses. O charlatanismo religioso tem sido prodigo em inventar-lhe os principios mais romanticos, assim como em assignar-lhe os mais horrosos acabamentos. Porém, que fé se poderá conceder a esses eventos sybilinos? Como se poderá fazel-os concordar com a sciencia experimental?

O mundo, contudo, assistiu impassivel durante muitos seculos ao degladiar d'essas idéas contradictorias a respeito d'este pedestal da humanidade, importando-se pouco com as opiniões que acerca d'elle partilhavam entre si as diferentes religiões, e não buscando nem sequer saber-lhe a fórma!

Para os antigos, o mundo era simplesmente um disco, e até para alguns um parallelogrammo, por sobre o qual o sol vinha passeiar todos os dias os esplendores da sua luz e do seu calor, sem todavia deixar de estar ás ordens dos Josués da Biblia, provavelmente tão apocryphos como o milagre sublime do cerco de Jerichó.

Finalmente um clerigo, Cupernico, ousa afirmar que a terra não é fixa, mas pelo contrario é ella que gira em volta do sol.

Esta affirmacão, já vagamente feita por Pythagoras, deixou o mundo abortido, indignado até! Era negar todas as affirmacões do *Genesis*, lançar por terra o principio de todas as religiões.

Teria pago bem cara a ousadia o arrojado clerigo, se porventura ella não tivesse sido revelada ao mundo depois do seu auctor já não pertencer a elle!

Pagou-a, porém, Giordano Bruno, o celebre professor italiano que ousou partilhar essa opinião nas suas lições, e a quem a inquisição de Roma mandou queimar na praça publica; e outro tanto aconteceria a Galileu, que só encontrou a salvaçào no desdizer-se publicamente perante o tribunal inquisitorial de Veneza!

O intolerantismo religioso d'esse tempo suppunha que para allumiarmos o mundo era sufficiente a sinistra luz das fogueiras do Santo Officio! Pasteur e Edisson, os dois grandes benemeritos actuaes da humanidade, teriam perecido com certeza n'uma fogueira, se porventura tivessem nascido dois seculos antes, e apresentado n'essa epocha as suas maravilhosas descobertas!

O que é certo, porém, é que a partir da celebre descoberta de Cupernico a sciencia quebrou as algemas do intolerantismo, e avançou ousada no cami-

nho das descobertas. Os autos de fé não tiveram força para a deter!

A primeira viagem circulatoria realisada pelo portuguez Fernão de Magalhães serviu de pharol a esta estranha viagem através o ignoto, e a partir d'esse momento, as descobertas de Galileu, Arago, Newton, Herschel e tantos outros, revelaram ao mundo, baseando-se na sciencia experimental que Descartes iniciára, não só a fórma, superficie e volume d'este espherode, mas tambem os seus movimentos sobre si mesmo, em volta do seu ponto de attracção, o sol, e até através os infinitos espaços sideraes.

Ao passo que o mundo era assim estudado de baixo do ponto de vista do seu ser, como elemento da grande vida universal, esquadrinhavam-lhe tambem outros sabios a fauna e a flora, e ainda outros lhe investigavam o começo provavel, e as transformacões que desde então lhe têm modificado a estrutura physica.

Perante estes estudos assim accumulados, em presença das theorias e arrojadas hypotheses que a sciencia tem sabido deduzir com admiravel e pacientissima precisão, a Biblia, ou melhor, as Bibles de todas as seitas, tiveram de ceder o passo.

Era uma luta de hypotheses contra hypotheses, mas em que necessariamente sairiam vencidas aquellas que só tinham em seu favor o mysticismo, visto que tinham de lutar com outras que se estribavam em deducções logicas de factos comprovados.

E a sciencia marchou avante: Buffon, Laplace, Saint-Hilaire, profundando as camadas geologicas, determinam-lhe a constituição e o limite; Linneu e os outros paleontologos que se lhe seguiram, inspirando-se nas asserções do celebre Bernard Palissy, assignam as plantas e os animaes correspondentes a cada uma d'essas camadas, reconstituem-lhes a fórma, revelam-lhes as aptidões, e encontram até o homem anterior ao diluvio, sem para isso necessitarem da arca mythologica de Noé!

E assim o espirito do homem, caminhando de deducção para deducção, e provando uma pela outra; architectando hypothese sobre hypothese e garantindo a segunda pelas probabilidades da primeira, formou já um systema geral da terra, que é uma das mais evidentes provas do quanto póde a investigação do espirito humano quando lhe permittam amplamente a sua expansião!

CESAR DA SILVA.

## OLHAR DE SALVAÇÃO

(I. M.)

I

Por entre a multidão grotesca d'este mundo  
Eu ia caminhando angustiado, abortido;  
Mas viu-me o teu olhar dulcissimo e profundo,  
Perderam o coveiro e a sepultura um morto.

II

Vasaste no meu ser philtros d'amor estranho,  
E o teu olhar febril, profundo e scintillante  
Immergiu-me completo em perfumoso banho  
De transandina luz suave, irradiante...

III

Diogenes andou, de lanterna accendida,  
Por Athenas, de dia, estoico, a procurar  
Um homem a valer, um só! Perdeu a vida;  
Achava-o,—se trouxesse a luz do teu olhar.

GUALDINO GOMES.



## ESTATUA DE LUTHERO

Dando hoje em gravura a estatua que a Alemanha erigiu a esse grande homem que por um momento condensou em si o grito enorme da alma humana revoltada contra a escravisação espiritual do Dogma, a *Imprensa* não pensa de modo algum em analisar a obra do audaz reformador, cujo nome se acha vinculado á celebre confissão de Augsburgo, especie de proclamação da Reforma. Para o fazer faltava-lhe o espaço, poisque uma tão audaz e arrojada empreza não se analisa em algumas linhas, por isso procurou apenas fazer conhecido o monumento.

Essa estatua que, como o proprio pedestal, é trabalho do professor Rodolpho Siemering, foi erigida por occasião do centenario de Lutero, em 10 de novembro de 1883, data em que se completavam quatrocentos annos do dia do nascimento, em Eisleben (Saxonia), do ex-monge catholico.

Porque, como se sabe, Martinho Lutero entrou em 1505 para a ordem de Santo Agostinho, sendo pouco depois nomeado professor para a universidade de Wittemberg. N'essa qualidade, foi até enviado a Roma em 1510, para tratar de assumptos da sua ordem.

Em 1517, tendo o papa Leão X publicado indulgencias e havendo encarregado os dominicanos de as distribuirem na Alemanha, os membros da ordem de Santo Agostinho, invejosos, ao que se dizia, d'essa escolha, encarregaram Lutero de os defender, o qual chego por essa occasião a atacar as proprias indulgencias.

Foi então que elle publicou o celebre manifesto, contendo 95 proposições, que naturalmente acharam desde logo numerosos proselytos.

Tetzel, chefe dos dominicanos, mandou queimar esse programma, e o papa, depois de ter em vão citado o auctor a ir a Roma, entregou a questão ao cardeal Cajetano, seu ablegado na dieta de Augsburgo. Este tambem debalde procurou fazer retractar o audacioso monge; nada conseguiu, e querendo fazel o prender, Lutero, que o soube a tempo, conseguiu evadir-se.

Então, com o apoio do eleitor de Saxe, começou Lutero a sua guerra aberta contra o catholicismo romano, e quando em 1520 Leão X lançava contra elle uma bulla de excommunhão, Lutero queimava-a publicamente, bem como todas as resoluções pontificias.

Em 1521 é citado a comparecer na dieta de Worms, onde foi, tendo-se, porém, munido previamente de um salvo-conduto dado pelo imperador Carlos V, a fim de não cair nas mãos

dos seus poderosos e implacaveis inimigos, que certamente não o poupariam se podessem fazel-o; mas ahi Lutero recusou retractar-se e foi deterrado pelo imperio; encontrando asylo no castello de Wartburg, perto de Eisenach, onde o eleitor de Saxe, seu protector dedicado, conseguiu furtal-o ás iras que contra elle se haviam desencadeado, escondendo-o dos seus perseguidores durante nove mezess.

Lutero empregou esse tempo escrevendo diversas obras de propaganda da sua doutrina, e emprehendeu em 1522 uma traducção allemã da Biblia, traducção que só pôde terminar doze annos depois.

De volta a Wittemberg, recommçou ahi a sua pregação e fez então numerosissimos proselytos, incluindo-se entre elles principes poderosos, que soube trazer para o seu lado, e com cujo apoio pôde obter para os seus sectarios a liberdade de consciencia por que lutava, o que se realisou primeiro na dieta de Nuremberg (1523-1524) e depois na de Spira (1526).

Finalmente, depois de varias luctas em que alternativamente os reformados tiveram essa liberdade e em que ella lhes foi negada, a paz assignou-se em 1532, em Nuremberg, estipulando-se por ella o direito de Lutero e os seus poderem seguir a nova lei, sem por isso serem perseguidos.

Tal é a traços largos a individualidade do homem a quem os allemães levantaram, em 1883 a estatua que os leitores vêem.

No pedestal, que é em granito polido da Suecia, vêem-se quatro faces com baixos relevos allegoricos, mostrando factos da propria vida d'aquelle que a Alemanha considera hoje um dos seus filhos mais gloriosos.

E por assim o considerar, festejou ella a memoria de Lutero com procissões e cortejos civicos, alguns de notavel belleza e de uma tão perfeita exactidão historica, que fez passar pelos olhos de um povo inteiro esse curioso e estranho seculo xvi. Finalmente, publicou ao mesmo tempo por essa occasião trabalhos importantes sobre o homem em quem o protestantismo vê um patriarcha e em quem a humanidade, quaesquer que sejam as differenças de religião ou de seita que entre si a dividam, não pôde, imparcialmente, deixar de ver tambem uma accentuada, curiosa e energica figura, que, enchendo todo um seculo realisou uma das mais assombrosas conquistas do pensamento e que, qualquer que fosse o mobil que o demovesse, orgulho individual ou convicção radicada, nem por isso deixou de servir o progresso, n'um momento importante da Historia.





## LIVROS NOVOS

Sonetos de Anthero de Quental

Est-me em presença de um livro notável, de um livro extraordinário, e merecendo certamente ser estudado com sinceridade e consciencia, a sinceridade e consciencia devidas aos verdadeiros espiritos superiores.

Cumprindo esse dever, comparei hoje a deixar aqui as minhas impressões sobre elle; e já agora permitam-me que lamentando não haver um tão notável trabalho causado o ruído e o entusiasmo a que incontestavelmente tinha direito.

A não ser o magistral prefacio de Oliveira Martins, onde ha paginas das melhores com que uma litteratura pôde orgulhar-se, e o luminoso e insinuante artigo em que essa gloriosa senhora que se chama D. Maria Amalia Vaz de Carvalho paga no finissimo oiro do seu estylo a moeda de admiração que todos devemos ao grande pensador, ao poeta eminente e unico, talvez, no seu genero em todo o mundo litterario moderno, eu pouco mais conheço que possa de alguma forma indicar-me que os *Sonetos* não passaram desperdeçados.

Todavia, se ainda se publicou, ha uns tempos a esta parte, trabalho que mais impozesse a todos a obrigação de ser profundamente estudado, esse foi sem duvida o de Anthero de Quental, pela multiplicidade de questões que suscita, embora occultas no rythmo do verso, pelos encontrados ideaes que desvendando, embora perdidos nas abstracções da synthese, pelos complexissimos postulados que enuncia, embora estranhamente enredados com as simples notas melancolicas de um espirito que passou por uma serie de attribuladas *malares*.

E são tantas, tão diversas as modalidades da psychionomia d'esse livro, são tão numerosas as phrases que se apontam e se adivinham na sua lenta e dolorosa elaboração, que, pelo menos, mostrar que não são inteiramente desconhecidas algumas das torturas indiziveis que esbrasearam o cerebro que o concebeu, não é só um simples testemunho de respeito prestado ao artista que tão alto eleva o estandarte d'esta legião enorme de trabalhadores da penna, não é só a inadivável obrigação de saudar um mestre; mas é antes d'isso tudo, e alem d'isso tudo, um religioso compromisso de honra litteraria e de dignidade scientificas, um publico documento da gratidão de todos quantos têm sentido a pungil-os o espinho da mesma dor e a dilacerar-os o verme da mesma duvida, sem poderem, como o poeta o fez, traduzir no rijo marmore da palavra escripta esses milhares de gritos que lhes echoavam no cerebro, não achando a forma substanciada e viva em que se traduzissem.

Pessoalmente que me importa que os *Sonetos* não me resolvam esse terrivel problema do Ignorado e do Mysteroso, que nos arrasta e nos estorce a todos n'uma convulsão titanica, que eu me encontre depois de ler tantos d'elles no mesmo estado de lucta em que estava antes, e que pelo contrario fique até com algum desgosto a mais e alguma illusão a menos, se me fizerem sentir?

Que me importa o *ver* poderosamente evocadas pela mente do poeta todas as angustias cruéis que se abrigam n'este cruel abismo do Pensamento, e que chegue até por momentos a desejar *não ser* em presença do espectáculo desoladoramente triste que a Vida nos offerece, se ao mesmo tempo eu, lendo-o, me embriago com esse exquisito licor agriço que cada soneto parece distillar de si, e que me desvenda, ao lado de novos martyrios, que nem sequer presentia, doces prazeres sublimes de ideás que nem sequer poderia esboçar, e que me dão por instantes a divina percepção de algum ethereo paraizo ignorado, onde o homem, feição unicamente espirito, viveria a existencia ideal da abstracção e da chimera!!

Ah! Eu bem sei que é desesperador o accordar, se pôde dizer se accordar d'este embriecimento que a leitura de varios trechos nos causa, e que não é bem nem a mystica anagoria dos illuminados e dos crentes, nem a doce embriaguez do sonho, mas um como dormir velando que não sei nem me parece que possa bem definir-se; mas, mesmo soffrendo, mesmo sangrando, a nossa alma, ao pairar absorta e enlevada por sobre as paginas d'esse livro, sente uma certa consolação n'essa tristeza, uma certa doçura n'esse amargor, esse como *delicioso pungir* de que falla Garrett, e insensivelmente, ou antes conscientemente, bemdizemos o nome glorioso e sympathetic, que, fazendo-nos soffrer os mais lancinantes e os mais acerbos tormentos, não pensando mesmo em guarecer-nos as feridas que nos escancara n'alma, nos faz a um tempo sentir os indefiníveis encantos que ha no fim de todas essas máguas, como no

fim de todas as alegrias ha sempre a nota dolorida e lugente de um queixume ignorado...

Vemos a inanidade da Vida e a medonha *solidão povoadá* do universo, mas, mordendo esses pomos dourados que nos deixaram nos labios o travor da delusão, como que se nos instillou no peito um mysterioso e dulcissimo nardo, que, mandando dos proprios fructos que mordemos, adormentou a labareda crepitante e voraz da fôrnia que elles nos pozeram cá dentro...

Para os infelizes que perderam a doce confiança illimitada e cega dos bellos dias sem sombra da crenga intangivel e sagrada, confessemos que este é ao menos o unico lenitivo que a existencia lhes permite, visto como já nenhum dos outros consegue ás vezes illudil-os, ainda que seja por um simples instante...

E este serviço presta-o Anthero de Quental com o seu livro na apparencia tão estiolador e tão arido, e presta-exactamente áquelles que mais precisam d'elle, que são os que conseguiram ler as entrelinhas que o poeta lá não poz, e que deixou que outros adivinhassem se quizessem ou podessem...

E por isso que a gente, ao ler os *Sonetos*, sente a final uma viva impressão religiosa, uma como absoluta tranquillidade ineffavel e ao passo que *vê* debaterem-se aos seus olhos os mais formidaveis e os mais assombrosos problemas que actualmente agitam a consciencia humana, deixa invadir-se por uma eterna e luminosa pacificação das ideás e das cousas, chegando com o poeta, embora por momentos, a essa alta phase de espirito que elle parece haver attingido agora.

E por isso que, assistindo ao combate gigantesco das ideás, dos sentimentos e das paixões, nós, acompanhando com o coração e com o espirito essa tremenda lucta, por um incognoscivel phenomeno de intuspeção psychica, por uma dualidade verdadeiramente indescriptivel e inexplicavel, ao mesmo tempo que estamos sendo como que o palco onde se passa essa tragedia sangrenta e para a qual damos o pabulo do nosso proprio ser, por não sei que contradicção ignorada, sentimo-nos serenos e tranquillos, no quietismo abstracto dos alheios, como se estivessemos presenciando de fóra o embate de forças estranhas e nada nos interessasse o desfecho da acção, ou, o que é talvez mais justo, como se essas diversas ideás que se digladiam, fossem representadas por meras imagens ou signaes, não actuando acaso sobre a nossa vida psychica ou interior...

Isto succede, porém, aos fortes; aos outros, a fatalidade physiologica de leis inflexiveis e inevitaveis reserva um mais cruel destino, e a loucura, a morte, ou a completa insensibilidade cerebral, que é como quem diz a demencia eterna ou o cynismo absoluto, marcam para sempre com as suas garras de fogo o pobre incauto que se arrojou a subir um a um os degraus d'essa escadaria immensa, que vae até ás derradeiras extremas do sentimento e da idéa...

Felizes talvez então os que enlouquecem, dirão certamente alguns, porque deixaram de soffrer as torturas *conscientes* do desespero, da impotencia e da duvida; felizes, porque nunca mais lhes requeimará os labios essa infinita sede de tudo saber e medir, de tudo decompor e analisar, e que nem toda a sciencia dos livros e da natureza consegue saciar de vez...

Depois d'estes, serão tambem felizes os cynicos, felizes a seu modo, comquanto seja antes preferivel soffrer eternamente as angustias dos insaciados, mas amando a Vida e respeitando-a em todas as suas sagradas e creadoras manifestações, isto apesar da ancia de *não ser* que tanta vez nos ennubla a alma; do que passar pela existencia como um indifferente ou como um criminoso, olhando-a sem dor mas tambem sem alegria, ou então olhando-a com odio e com inveja...

Podemos certamente todos nós, ainda os melhores, ainda os mais *humanos*, deixar-nos invadir a momentos por esse feroz e perigoso humor negro, que é o funebre e sombrio conselheiro a que o coração e o espirito devem as suas mais degradantes torções; mas, mas descansam que isso é onde que possa depressa, e no fundo lá está a limpidez azul da consciencia a deixar reflectir todos os santos aspectos, todas as formosas irisações da Bondade e do Amor, e, por muito que se tenha momentaneamente odiado, e descrido e invectivado, o nosso espirito voltar-se-ha para a luz, por esse inilludivel principio de heliotropia moral a que as intelligencias honestas e os caracteres immaculados não podem furtar-se jamais.

Eis porque Anthero de Quental, que tão rudemente tem sido apalpaado pelas tempestades do espirito, as peiores de todas, porque não se podem nem se sabem prever, elle para quem, como tão lucidamente o diz o sr. Oliveira Martins, a vida tem



deslizado serena, se por vida entendermos o que o commum dos mortaes entende, isto é, o mero conflicto dos interesses; eis porque elle nos apparece nos *Sonetos*, apesar de contradictorio quando olhado nas suas theses isoladas, resignado, tranquillo, bondoso e conciliador, quando de todas ellas extrahimos a superior linha moral que o guia no mundo e a alta aspiração scientifica e philosophica que lhe sobredeira o espirito...

E é bem de crer que, tendo finalmente attingido o supremo alvo a que visava—a pacificação interior, ou estando pelo menos no caminho de attingil-a, Anthero de Quental se resolva de vez a tomar no conflicto activo das idéas o logar que lhe pertence, dando-nos livros que levantem bem alto a civilização portugueza, e que affirmem pujantemente as facultades creadoras da nossa raça, como já succede com os *Sonetos*...

(Continúa)

AFFONSO VARGAS.

## EM SEVILHA

Continúa

N'uma pallida *silhouette* da agitação febril d'esses momentos anormaes em que vibram fibras apaixonadas d'uma organização tradicionalmente hereditaria, delineei á *vol d'oiseau* as impressões que se gravam no espirito d'um individuo para quem as quietações domingueiras, cheias de um desprejuicamento dolente, são correlativas de synchronismo festivo.

Esse mesmo bulicio fermentador, que paira n'uma atmosfera peneirada pelo vortillho cahotico de inarticulações, espiralada pelo fumo de *puros*, dentados ao canto das bôcas rasgadas n'uma physionomia rugosa empedernida, de uma imbecilidade animal, é frequente nos cafés que se convertem em centro de vida nocturna, frequentados por centenas de individuos de todas as classes, n'uma promiscuidade pouco escrupulosa. Em salas de dimensões quadrilongas, espalhando os cambiantes metallicos dos filetes dourados das molduras, sobresaem os matizes das *toilettes* femininas com saturações de belleza estonteadora, apresentando-se a sobrecasaca de distincção ao lado do trage toureiro, sem a gravata distinctiva de fronteira social. Discute-se eloquentemente a situação politica, com uma profusão interjectiva verdadeiramente nacional, encarece-se o melhor *quiebro* n'uma divergencia palavrosa, como se lhes communicasse verbosidade o arrojo temerario diante das hastes limpas do touro, cruzam-se olhares sensuaes em declarações amorosas, faiscantes de voluptuosidade. E n'este mixto de categorias, n'essa complexidade de assumptos e opiniões, n'esse ondear tumultuante succedem-se os grupos, não deixando paralyzar nunca o caracteristico da vida hespanhola.

Os cafés mais frequentados são os da *calle Sierrpe*. Comtudo, lembro-me ainda sem saudade de um covil abobadado em que se aspira uma atmosfera de navalha, com as paredes manchadas de signaes incontestaveis das mãos dos frequentadores de melenas para a testa, voz rouca com intermitencias de agudos assoviados por intervallos de dentes cariados, um verdadeiro antro de avinhados anemicos, com rugas acobreadas na physionomia sulcada pelo deboche. Representavam-se n'um estrado, com elasticidade de trampolim, motivos acompanhados ao zumbido monotonico de bordões dedilhados, com requiebro sentimentaes de cabeça, reflectindo laivos oleosos; dansavam-se com deslocações de cintura, pi-

ruetas vertiginosas, descrevendo curvas de compassos cór de carne encimados por para-sões folidhos de cassa como cogumellos duplamente venenosos; cantavam-se malagueñas com trinados de vozes veladas por orgias, evidenciando as cordas da garganta n'um esforço lastimavel de successo. E todo aquelle publico applaudia, sorvendo *val-de-peñas* com olhares eroticos, faiscantes, das *camareras* que tinham uma candidez terna, impura, no revolver calido da pupilla em extasis celestial. Pullulavam pelo ar pensamentos lascivos, rasgando o veu de gazes, brumoso, scintillante em cada bico de gaz, n'uma confusão cahotica, como se estivessemos assistindo á creação das espheras do amor pela theoria de Laplace. Prosper Merimé, na «Carmen», dá uma idéa approximada do local que serve de ponto de *rendez-vous* á gentil bohemia com D. José Ligarrabengoa, na taberna de Lillas Pastia, no bairro de Triana.

Temos talvez carregado a palheta, dando um tom demasiadamente vivo e colorido em certos traços salientes e caracteristicos da vida andaluza, para os que têm visitado em epochas de serenidade relativa a cidade movimentada e risonha, com acotovelamentos pela rua e sem alojamentos nos hoteis, no tempo excepcional da semana santa. Mas será diferente vel-a com olhos archeologicos, visitando os escombros poeirentos de gerações accumuladas n'um tumultuar incessante, desenterrando preciosidades artisticas de um merecimento de museu, reconstituindo os circos romanos onde corriam de tropel a empilhar-se em escadarias de pedra os que, descendentes em herança de raça e sentimentos, formigam na praça de touros. Sevilha é antiquissima e dos primordios da sua fundação secular entre as cidades de Hespanha, resam bem alto os documentos chamados «Annaes de Sevilha», onde se prova a aristocracia genealogica e de residencia phenicia, cartaginense, romana, arabe e hespanhola. Soltando os vagidos de uma infantildade rude, acalentada por uns raios pallidos que a custo emergiam das trevas historicas, apenas tintos pelos arbores *nuancés* que definiam já uns primordios de civilização, ouvindo o grito horrisono da barbarie, atravessando as florestas do norte vergadas ao peso das migrações devastadoras, soffreu a Hespanha o embate das acções e reacções cuja consequente brilhante só mais tarde pôde attingir. As correntes historicas, transportando a sphyngie civilisadora que trazia aos peitos os primeiros successos scientificos, com os vãos arrojados de uma imaginação poderosa, partia do oriente para fecundar os paizes imersos no crepusculo occidental, onde apenas bruxuleavam fracas intermitencias de uma inspiração rude. Roma, no seu cosmopolitismo civilisador, arvorando com reflexos faiscantes o gume da espada que despedia scentelhas ao sol ardente dos climas meridionaes, ao tempo que subjugava povos na sua missão vencedora, inoculava os factores de uma reforma social, politica e scientifica, aquecendo esses descampados rusticos e primitivos com o calor benefico da sua elaboração. Mais tarde, das areias do deserto africano, na effervescencia de um periodo brilhante em todas as manifestações intellectuales com a rigeza de carater temperado pelos ardores guerreiros de uma intrepidez heroica, com a poesia assimiladora



de um cyclo grego cheio de tradições e heranças, surge o período verdadeiramente benéfico para a Hespanha, com um poema bíblico como o Alcorão, com uma architectura como a Alhambra ou o Alcazar, com philosophos como Averroes e Avicena, creando setenta bibliothecas e derramando torrentes de luz dimanando de dezete universidades, que illuminam ainda, embora com um rasto pallido mas sensível, o seculo dezenove. Toledo, Córdova, Granada e Sevilha são ossuários brancos cheios de monumentos mutilados, dormindo o somno do esquecimento no silencio dos seculos, apenas quebrado pelas passadas investigadoras de um archeologo que se curva respeito com o acatamento e veneração que merece a sepultura de um genio e cujo epitaphio é escripto com estrophes de granito esculpturadas magestosamente em cathedraes, palacios e circos. Mas sobre os despojos vetustos de todos estes sudarios immersos em periodos longinquos, a primavera re-adquire os seus matizes, fazendo brotar florescencias de uma natureza opulenta, as folhas verdes da hera com reflexos de humidade transparente entrelaçam-se n'uma columnata de palacio arabe; e, onde florescia o encanto magico e dolente da mulher oriental, brilham hoje com vivacidade os olhos negros e fascinantes da andaluza, com as scintillações de duas estrellas, fazendo adivinhar a pureza etherea da sua alma, sanctuario idolatra da religião do amor, e onde se abrigam os effluvios que recompensam todas as nossas preces e dedicações.

(Continúa)

ALEXANDRE DE CASTILHO.

---

**PROBLEMA**

Achar um numero de que tirado o algarismo das unidades lhe ficam tantas e mais uma, quantas se lhe tiraram.

Solução do problema antecedente o n.º é 63.

ALFREDO COSTA.

---

**CHRONICAS VULGARES**

NOTAS PARDAS

XI

Por entre os tristes desconchavos e as lamentaveis incoherencias, que tanta vez nos envergonham ainda hoje, a nós lisboetas, habitantes d'esta cidade de marmore e de granito, segundo a lenda, e de varias outras cousas, segundo a experiencia; por entre as faltas sensiveis que podem e devem notar-se na capital de um paiz, que não deseja de certo passar por ignorante e atrozado, confessemos, meus caros malizdentes, que Lisboa começa já a ter o ar moderno de uma cidade civilizada. As suas novas ruas espaçosas e alegres, as suas recentes construcções elegantes e ligeiras, os seus jardins, a sua avenida, os seus passeios, os seus estabelecimentos, emfim, resentem-se já da benéfica e progressiva influencia que alguns espiritos sãos e cultivados têm exercido sobre ella pelo conselho ou pela critica, pela ironia ou pela gargalhada, porque, declaremo-lo sinceramente, tudo isso tem servido para a obra da reconstrução d'este antigo burgo.

Na occasião, aquelles que só sabem rir-se e *trocar-nos* incommodam-nos e desgostam-nos; mas a verdade é que depois, passada a hora azeda da indignação, reconsiderámos, e no fundo vemos bem que elles tinham razão para rir-se. Assim começa a reacção proveitosa e util, procurando, os que são sinceros e os que têm brio, corrigir-se d'aquillo que realmente pedia correção.

Depois, os que tendo viajado, tendo visto, tendo inquirido, voltam aqui para o seio dos seus amigos, dos seus conhecidos, dos seus conterraneos, lentamente nos illaqueiam tambem com os seus conselhos e com as suas idéas; e se um ou outro não faz caso, algum aproveita e qualquer cousa se realisa de novo.

Eis o que tem succedido com Lisboa. Ha quinze annos ella era em muitos pontos uma cidade de provincia, e se lhe arrancassem as suas incomparaveis bellezas naturaes e meia duzia de monumentos de valor, que possui, ficava verdadeiramente uma lastima.

Desconheciam-se alguns dos mais rudimentares elementos indispensaveis n'uma cidade, que deseja ser digna d'esse nome. Foram descabelladas as criticas, monumentaes as gargalhadas, e tremendas as sovas, que muitos lhe atiraram. Mas a final — quem o contesta? — esses calumniadores, esses trocistas, esses irreverentes, que despertavam a indignação ou o nojo no animo dos bons burguezes pacatos, prestaram um serviço sem precedentes, e obrigaram esta cidade, que quasi não tinha passiosos, a tratar os que possuia e a fazer outros novos; que não tinha batros novos arejados e largos, a construí-los; que não tinha uma unica grande arteria elegante e luxuosa, que alem de ser hygienica fosse artistica, a arrancar-a d'entre a rede de pequeninas veias, que a cortavam, e a arteria appareceu, fazendo-se a avenida...

Certamente que não será muito, que não será tudo, mas é já alguma cousa, sobretudo para quem leve em conta os nossos habitos; e o que é incontestavel, o que é um facto bem visível, felizmente, é que já se sente um tal ou qual prazer em fazer o giro de Lisboa...

Mais um bocadinho de boa vontade da parte do município, e de gosto da parte dos municipes, mais algum dinheiro lançado á terra, e finalmente mais algum cuidado na harmonia geral dos diversos tons, que entram na factura d'este quadro que se chama uma cidade, e quero crer que não teriamos de que corar perante os estrangeiros curiosos ou maliciosos, que nos visitam...

Ainda ha dias, por exemplo, eu pensava commigo mesmo, o que seria aquella formosissima e extensa avenida do Campo Grande, se meia duzia de pessoas de dinheiro e de gosto houvessem por bem transformal-a no que ella poderia ser: — um parque de primeira ordem ligado por uma estrada digna d'esse nome.

E o Aterro? Se se curasse d'elle um pouquinho mais do que fazem, não seria talvez um passeio unico em todas as grandes cidades modernas?

Infelizmente transformaram-no em estendal de madeiras, tojo, pedras, etc., e um tal espectáculo toma ás vezes proporções verdadeiramente escandalosas — como succedia não ha muitos mezes.

Muitas cousas ainda poderiam ser deliciosamente transformadas, alem de outras feitas de novo, para que Lisboa fosse o que a sua posição excepcional, e o seu magnifico rio naturalmente lhe indicam que seja.

E para mim ponto de fé que tudo isso ha de fazer-se; mas, seria tão bom que se fizesse um tudo-nada mais depressa!

Hein? Que lhes parece, não valeria a pena que pensassem n'isso? R-MAL.

---

**EXPEDIENTE**

Começamos com o presente numero o segundo anno d'esta revista, que factos imprevistos fizeram interromper por algum tempo. Não fazemos promessas, para não sermos obrigados a faltar a ellas, mas havemos de pôr todo o nosso empenho em não desmerecer da confiança e estima com que os nossos assignantes e colaboradores nos honraram durante o primeiro anno da sua publicação.

A *Imprensa* continuará, como até aqui, a ser quinzenal, e publicará gravuras em alguns numeros.

Pedimos aos nossos ex-<sup>tes</sup> assignantes a fineza de nos prevenirem de qualquer falta ou irregularidade na entrega do jornal, para a remediar sem demora.

Com o proximo numero serão distribuidas capas e indices do primeiro anno.

A *Imprensa* vende-se e assigna-se na *Papelaria Nogueira*, Rua do Livramento, 71, em Alcantara.